



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

LEVEMOS AS MASSAS

O PROJECTO DE PROGRAMA DO PARTIDO!

A publicação do Projecto de Programa do Partido, elaborado pelo Comité Central, representa um decisivo e importante passo na história do nosso Partido, é a bússola que norteará a classe operária e o povo português na sua luta contra o fascismo e pela libertação nacional. Importa, por isso, que o Projecto de Programa se torne conhecido do nosso povo, que sobre ele se pronunciem pessoas de todas as classes e de todas as tendências.

Em primeiro lugar, o Projecto de Programa do Partido tem de servir de base a uma ampla discussão em todos os organismos do Partido. Não se compreenderia nem faria sentido que todos os organismos e militantes do Partido o não estudassem e não se pronunciassem quanto a ele, tratando-se como se trata do seu programa, do indicador de toda a sua futura acção revolucionária. Se o Projecto de Programa é a síntese de toda a luta que o nosso Partido conduz, se ele expressa neste momento os mais fundos anseios dos militantes do Partido e dos trabalhadores portugueses, não faria sentido que os organismos e militantes do Partido não se debruçassem sobre ele e não procurassem estudá-lo e enriquecê-lo com suas sugestões e críticas, quer colectivas, quer individuais. Impõe-se, por isso, que em todos os organismos do Partido os nossos camaradas estudem primeiro individualmente o Projecto de Programa e depois levem à discussão dos seus organismos as suas opiniões e sugestões, para aí serem discutidas e aprovadas, ou que procurem fazê-las chegar aos seus controladores, de forma a chegarem ao conhecimento da Direcção do Partido.

Em segundo lugar, é na medida em que os organismos e militantes do Partido estudam o Projecto de Programa e discutem o seu conteúdo, ligando-o à experiência do nosso Partido e aos ensinamentos dos nossos mestres, que nós elevemos o nível ideológico e político do Partido e o robustecemos. O estudo do Projecto de Programa é, pois, uma poderosa arma para o robustecimento ideológico do Partido.

Em terceiro lugar, interessa fundamentalmente ao nosso Partido que o seu Projecto de Programa seja levado directamente a todos os portugueses honrados, que seja levado às fábricas, empresas, oficinas, minas, barcos, aos campos, às escolas, às donas de casa e a todos os locais de trabalho, de forma que o melhor número de portugueses conheça os objectivos do Partido e se pronuncie sobre eles. Para isso, necessário se torna que os militantes do Partido discutam com todos os portugueses honrados e simpatizantes do Partido o Projecto de Programa e os procurem ouvir sobre ele, e que todos os organismos do Partido tomem como tarefa imediata encontrar a forma mais justa de levar o Projecto de Programa às massas. Só assim nós poderemos tornar conhecidos os objectivos do Partido e ouvir a opinião das pessoas sem partido ou de outros partidos sobre o nosso Projecto de Programa. Só assim nós poderemos fazer do Programa do nosso Partido o Programa de Acção de Todo o Povo Português.

Em quarto lugar, a difusão do Projecto de programa do Partido entre os democratas e patriotas Portugueses abrirá novos caminhos ao fortalecimento da

Unidade, pois que muitos democratas honrados, ao tomarem conhecimento do Projecto de Programa e ao verificarem que nele se encerram muitas das suas aspirações mais sentidas, não terão dúvida em vir à unidade de acção com o Partido, em trabalharem ombro com ombro com os militantes do Partido. Levar o Projecto de Programa ao conhecimento dos democratas portugueses honrados é fortalecer a unidade combativa do povo português.

Em quinto lugar, na medida em que difundirmos entre as massas o Projecto de Programa do Partido abriremos o caminho para a adesão ao Partido de novos elementos, pois dizemos assim ao povo o que queremos e por que lutamos. A discussão do Projecto de Programa com todos as pessoas honradas nossas conhecidas pode e deve servir de base da atracção desses pessoas ao Partido, para o seu recrutamento. É sobretudo para as massas trabalhadores, homens, mulheres e jovens, operários, camponeses, intelectuais progressivos, empregados, elementos das classes médias, que nós devemos levar o Projecto de Programa do Partido e abrir discussão à sua volta, esclarecendo-a sobre os objectivos do Partido e a sua acção, o que só poderemos fazer capazmente, se nós mesmos, antes, o tivermos estudado atentamente.

Em sexto lugar, na medida em que os organismos e militantes do Partido difundem o Projecto de Programa entre as massas, deixam deste forma por terra todas as mentiras e calúnias vis dos nossos inimigos contra o Partido, mostram como são falsas e tendenciosas as invenções dos nossos inimigos internos e externos quanto aos verdadeiros objectivos do Partido. O Projecto de Programa do Partido é claro e preciso e não pode dar lugar a falsas interpretações por parte dos nossos inimigos e deixar qualquer dúvida sobre os reais objectivos do Partido, não permite, àquelas que o conhecerem, dar mais ouvidos à voz do inimigo.

Difundindo directamente entre as massas o Projecto de Programa do Partido, nós popularizamos e prestigiamos o nosso Partido, fazemos dele o Partido do povo português, arraiamos para a sua esfera de acção novas contingentes de portugueses, fortalecemos o Partido e ligamo-lo mais às massas. A discussão do Projecto de Programa do Partido iluminará o caminho da libertação do nosso Povo para a construção dum futuro feliz.

A REUNIÃO DE DIRECÇÃO DO PARTIDO

Como «Avental» n.º 193 noticiou, realizou-se uma Reunião de Direcção do Partido, onde, entre outros problemas, se tratou de desmascarar e expulsar do Partido, como oportunistas e desagregador, João Rodrigues; foi posto a nú o trabalho fraccional e enérgicamente combatida a posição de duas camaradas e houve largo debate, com elevado nível político e emprego a fundo da crítica e da auto-crítica. Desta Reunião saiu reforçada a unidade interna do Partido e foram tomadas medidas para a sua defesa. No próximo número «O Militante» publicará os resultados desta reunião, para apreciação do Partido.

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA VITORIOSA LUTA DOS CEIFEIROS POR MELHORES JORNAS

por MENDES

A importância e a extensão dos trabalhos da ceifa, principalmente em todo o Alentejo, têm feito com que a luta dos ceifeiros por melhores jornadas se torne todos os anos numa importante luta dos trabalhadores rurais, numa importante luta para todo o nosso povo.

Este facto aponta-nos a necessidade de analisar com cuidado as razões dos êxitos e as causas dos fracassos dessa luta de modo a tirar das experiências vividas lições melhores para o futuro.

A Unidade e a combatividade das massas vencem todos os obstáculos

Como nos demais anos, a luta por melhores jornadas nas ceifas é uma luta que opõe as dezenas de milhares de ceifeiros (só no Alentejo mais de 100 mil) aos que lhes plugam a força de trabalho.

Os grandes agrários do Alentejo e do Ribatejo, apoiados pelo governo fascista de Salazar (que os representa e defende), na ânsia de maiores lucros, são os campeões das jornadas de miséria e de fome.

Como nos demais anos, dezenas de milhares de camponeses do Algarve e das Beiras foram atraídos ao Alentejo para, aumentando o exército de desempregados, diminuir as jornadas. Com o mesmo objectivo, este ano, muitas mais máquinas, ceifeiras e ceifeiras-debilitadas, trabalharam no Alentejo, roubando a jornada a milhares de trabalhadores. Não bastando estes meios para conter a luta dos ceifeiros, o governo fornece todas as suas forças repressivas. Mais de uma centena de ceifeiros passaram todo o período da ceifa na prisão política da PIDE em Casxias, para onde foram levados sem qualquer razão e onde permaneceram cerca de 6 meses e alguns ainda permanecem.

Além disto, em algumas terras foi proclamado um verdadeiro estado de sítio. Em Vale de Vargem e Pias a PIDE e os grandes agrários proibiram que fosse paga a jornada de 5000 e prenderam e bateram em muitos camponeses, tendo na primeira das terras sido dispersada e proibida a Praça e até mesmo o andar nas ruas. Em Baleizão um oficial da GNR, tenente Carrajola, tornou-se este ano o símbolo do terror fascista, assassinando friamente uma jovem camponesa grávida.

Todas estas incríveis arbitrariedades provam bem o papel do governo salazarista, mas elas não conseguem senão fazer crescer no ânimo dos camponeses um ódio sagrado aos seus exploradores e opressores.

Apesar de todos estes meios e desta infame repressão, que levantou o protesto de todas as pessoas sãs do nosso país, as massas camponesas conseguiram importantes vitórias, mesmo ali onde a repressão foi mais violenta. Isto demonstra bem que **A UNIDADE E A COMBATIVIDADE DAS MASSAS VENCEM TODOS OS OBSTÁCULOS.**

A luta conduziu à vitória

A larga discussão em todo o Partido e com as massas da justa orientação para as ceifas, bem como a ampla distribuição de «O Camponês» em muitas e muitas terras do Alentejo, Ribatejo, Algarve e outras regiões, constituíram a necessária preparação da luta.

Seguindo a justa orientação traçada, em muitos lados foram feitas pequenas ou grandes reuniões para discutir a jornada a pedir, tendo sido criadas Comissões de Unidade para orientar a luta e unir as massas. Em muitas localidades foram feitas Praças de Jornada e em algumas foram mes-

mo criadas as Praças pela primeira vez. Estas foram os principais pontos de concentração dos ceifeiros que, unidos, ali defenderam e conquistaram melhores jornadas, conquista que em alguns lados só foi conseguida após bastantes dias de greve. Foram feitas e coroadas de êxito algumas aproximações com os ranchos de fora e em algumas terras os pequenos comerciantes apoiaram a luta dos ceifeiros. Numa terra as massas camponesas desempregadas deram uma bela prova de iniciativa e audácia, invadindo uma propriedade e caifando mesmo contra a vontade do agrário. Também grandes passos foram dados este ano para mobilizar as camponesas e brilhantes provas elas deram, encabeçando em alguns lados a luta.

As Comissões e aderentes do MUDJ participaram activamente não só na luta por melhores jornadas como, em particular, num amplo trabalho de recolha de fundos e outro auxílio aos ceifeiros presos.

Em muitos outros lados os ceifeiros souberam unir os seus protestos aos dos que mais foram atingidos pela repressão, dando a toda a luta por melhores jornadas uma outra feição, esta já com um carácter político mais desenvolvido, pois que se levantava contra o terror desencadeado pelo governo.

Em todo o lado em que as massas lutaram, e novas regiões foram este ano à luta, foram arrancados aos agrários aumentos da jornada que chegaram até ao dobro do que eles queriam pagar.

Além disso, as massas camponesas uniram-se contra a repressão e, desmascarando-a, souberam fazê-la recuar, conseguindo igualmente pela luta novas vitórias também neste campo.

Os aspectos positivos mais salientes — suas causas

De todos os aspectos positivos que caracterizaram a luta deste ano, julgamos dever salientar os seguintes:

1 — Dezenas de milhares de ceifeiros impuseram aos agrários o aumento da jornada (e do preço das empreitadas), aumento que foi de 5, 10, 20 e mais escudos, tendo conseguido em vários lados 5000 para os homens e 3500 para as mulheres.

2 — Trabalhadores de diversas regiões que, no passado, não tinham tomado parte na luta, lutaram este ano, o que representou a mobilização de mais alguns milhares de trabalhadores rurais.

3 — A participação activa das mulheres na luta foi muito maior, tendo as camponesas, em vários lados, dado provas de firmeza e coragem que conseguiram arrastar as massas à sua volta.

4 — Apesar da mais odiosa repressão fascista, apesar das muitas prisões efectuadas, não foi possível ao fascismo atingir, como pretendia, o nosso Partido, descobrindo as suas organizações ou prendendo os seus militantes mais responsáveis.

5 — Novas e importantes experiências foram colhidas. Tanto o nosso Partido como as massas trabalhadoras que se lançaram na luta viveram um período intenso de actividade e combate durante o qual mediram as suas forças e possibilidades e ganharam preciosa experiência para o futuro.

Estas importantes vitórias devem-se, antes de tudo, ao trabalho de direcção e orientação do nosso Partido que soube levar até às massas a justa orientação para a luta e defender com denodo as suas diversas fases.

Estas vitórias devem-se ao espírito de luta que anima as massas camponesas, educadas já em muitas lutas anteriores e que seguem com carinho e vontade as palavras de ordem do Partido do povo.

Estas importantes vitórias devem-se, em particular, às medidas levadas à prática para estender a luta a novos sectores e aos cuidados conspirativos especialmente tomados. Devem-se também à honesta e corajosa posição dos camponeses, comunistas ou não, que presos e barbaramente torturados pela PIDE, souberam defender os seus companheiros e o Partido.

Destas importantes vitórias que provaram mais uma vez a justeza da orientação defendida pelo Partido e pelo «O Camponês», resultou mais prestígio para o nosso Partido, bem como para o órgão dos camponeses, resultou o alargamento da organização e da influência do Partido.

Sobre as deficiências

Não basta apontar os aspectos positivos. Importa muito particularmente analisar as deficiências que se registaram, de modo a descobrir as suas causas, a estudá-las e a eliminá-las.

A primeira deficiência que é justo referir consistiu na hesitação havida quanto à palavra de ordem correcta sobre a jorna a pedir. Com efeito, chegou a ser defendida pela própria Direcção Regional a ideia de que os 50000 não deviam ser exigidos na primeira semana, mas sim conquistados no decorrer da luta. Só posteriormente foi rectificada esta errada ideia, pois que limitar a jorna da primeira semana a 30000, 35000 ou 40000 dum modo geral era limitar as perspectivas da luta, era não confiar e mesmo impedir que, ali onde houvesse condições, as massas conquistassem os 50000 desde o início.

Este erro, apesar de rectificado a tempo, aconteceu naturalmente hesitações e prejudicou a luta.

Em algumas localidades, experimentadas já em lutas anteriores, camaradas nossos defenderam ideias como: « não é necessário fazer reuniões de massas, porque as massas já estão preparadas », « não são necessárias Comissões de Unidade, porque este ano a luta vai ser mais fácil », etc.. Num terra, com grandes tradições de luta, camaradas nossos defenderam a ideia de que, na primeira semana, se devia trabalhar pela jorna oferecida pelos agrários. Estas ideias significam uma fuga à luta organizada.

Numa outra localidade, os camponeses fizeram greve porque os agrários não queriam dar a jorna pedida. Passados dias os agrários aproximaram-se muito desta jorna e a maioria dos trabalhadores aceitou trabalho. Alguns camponeses, porém, afastaram-se da terra aborrecidos pelo facto da maioria dos trabalhadores ter aceite jorna um pouco inferior à que tinha sido combinada. Esta posição tomada também por camaradas nossos é igualmente uma prova de séria incompreensão sobre o problema da unidade. Os nossos camaradas devem estar sempre onde estão as massas, acompanhando bem as suas aspirações e a sua disposição de luta. Não é justo prendermos das massas simplesmente aquilo que nós desejamos, sem muitas vezes termos feito ou sabido fazer um bom trabalho de esclarecimento e, outras vezes, sem termos atendido às circunstâncias em que se desenvolve a luta.

Alguns aspectos da Unidade

O problema da Unidade das massas trabalhadoras tem de estar sempre no pensamento dos militantes do Partido. Tal unidade forja-se mesmo nas conversas individuais ou em pequenos grupos, forja-se e alarga-se nas pequenas e grandes reuniões para combinar a jorna ou para discutir outros problemas que afligem as massas, fortalece-se nas concentrações nas Praças, nas casas do Povo, etc.. Neste trabalho quotidiano de conversa sobre os problemas das massas, de esclarecimento, de inter-ajuda, devem-se destacar os militantes do Partido. Assim, eles realizam a indispensável ligação com as massas, assim, eles contribuem para o estreitamento da unidade das massas trabalhadoras e para levar estas a eleger as suas Comissões de Unidade.

As lutas que as mulheres este ano travaram e que souberam mesmo desencadear devem servir de estímulo para todos os trabalhadores. O nosso Partido deve dar o melhor exemplo de compreensão e respeito das mulheres, atrelando às suas fileiras aquelas que mais dedicação e combatividade demonstram. Sobre este ponto muito há ainda que andar e há

que vencer as resistências dos camaradas que, dizendo-se de acordo com tal orientação, na prática demonstram o seu completo desacordo, pois nenhuma medida concreta tomam para vencer tal deficiência.

Os camponeses que vêm do Algarve e das Beiras para ceifar no Alentejo, bem como os que se deslocam dumam terras para outras, fazem-no para conseguir ganhar algum dinheiro que diminua a sua miséria e a dos seus. Todos esses trabalhadores estão interessados em jornas mais elevadas e, por isso, a tarefa dos camponeses mais esclarecidos é a de transformar essa reserva de trabalho dos grandes agrários em camponeses dum mesma luta que, com a sua participação, se alargue e se engrandece. Em muitos lados, porém, nada foi feito para nos aproximarmos dos camponeses de fora. Num terra em que tal aproximação se fez, a preocupação fundamental foi a de levar o rancho de fora a ir-se embora. Tal não deve ser o objectivo da unidade com os camponeses de fora. De modo algum será justo apontarmos a esses camponeses que se deslocam à custa de tantos sacrifícios, porque nas suas terras também reina a fome imposta pelo fascismo, o voltarem pelo mesmo caminho sem qualquer ganho. O caminho justo a apontarmos é o de lutar ao lado dos camponeses da terra, por uma jorna mais elevada, pela jorna combinada por estes. O caminho justo foi o seguido pelas camponesas de Bealvão ao irem falar com as de Penedo Gordo para trabalharem pela jorna que tinham combinado e nenhuma arbitrariedades do fascismo contra tal unidade fará requear os camponeses nessa justa via.

Mais uma vez, este ano, em alguns lados, os camponeses contratados ao ano foram atraídos à unidade e lutaram juntos com todos os camponeses pelo aumento da jorna. Particularmente onde o número destes camponeses é grande e chega a constituir a maioria dos trabalhadores rurais, uma atenção especial deve ser dada à unidade com eles.

Igualmente as largas possibilidades de atrair o apoio dos pequenos comerciantes e mesmo dos seareiros e pequenos proprietários à luta dos ceifeiros não foram aproveitadas em muitos lados. Os próprios exemplos de algumas terras nos mostram que tal apoio é possível e deve ser conquistado por um trabalho paciente de aproximação e de organização, procurando levar também estas camadas a organizarem-se e a lutarem pelos seus interesses.

Os camponeses não são contra a máquina, bem ao contrário, se ela ajuda ao seu trabalho, se ela faz diminuir o seu próprio esforço. Mas os camponeses não podem aceitar que os agrários lhes roubem a possibilidade de comerem, de terem de comer os seus filhos, de viverem portanto, utilizando máquinas no trabalho enquanto houver trabalhadores desempregados. É preciso, assim, esclarecer desde já este ponto, indicar que para o ano a situação será pior e que os camponeses, unidos, devem lutar junto dos agrários para que, enquanto houver um camponês sem trabalho, não trabalhem as máquinas.

Também poucos passos se deram no sentido de estreitar as ligações entre camponeses de terras próximas, dum mesma região. É necessário que tal deficiência seja eliminada. Os agrários reúnem-se na região de Extremaz, no Baixo Alentejo e em muitos outros lados, a repressão é orientada à escala de toda uma provincia e mesmo à escala nacional com o auxílio de todo o aparelho repressivo. Mas será que os camponeses não tratem de se unir mais largamente, de combinar a jorna e os processos de luta não já só na sua terra mas com os camponeses das terras próximas. Cabe naturalmente às Comissões de Unidade eleitas pelas massas o estreitamento das suas ligações, mas cabe também a todos os trabalhadores criar facilidades para levar isso a cabo, procurando estabelecer e manter relações estreitas com os camponeses das terras próximas.

Além das deficiências já analisadas, importa salientar finalmente uma que nos parece também fundamental: A falta de discussão ampla e suficiente sobre a orientação do Partido.

Com efeito, assim como nos vemos que para se conhecer melhor a situação é necessário estarmos ligados às massas, também percebemos que para vencer as incompreensões existentes, para fazer prevalecer

a justa orientação do Partido é fundamental que haja mais discussão em todo o Partido.

Se em determinada terra os camponeses fizeram uma 1.ª semana sem luta e só depois começaram a lutar, isso foi devido a incompreensões dos próprios membros do Partido dessa terra, mas, no fim de contas, isso foi devido ao nosso Partido não ter discutido suficientemente a orientação que foi apontada. Não é de estranhar que onde a orientação do Partido foi suficientemente discutida e assimilada a luta tomasse aspectos mais positivos. Onde essa orientação não foi suficientemente assimilada ela não pôde ser correctamente levada à prática e, apesar das condições existentes, os aspectos negativos tornaram-se salientados.

Perspectivas futuras

Procuramos salientar o que nos parece terem sido os mais importantes aspectos positivos e negativos da luta das ceifas passadas. Não queremos, porém, terminar sem referir que os acontecimentos deste ano nos mostram dois factos fundamentais:

1 — Que o fascismo, representado pelo governo e pelos grandes agrários, prepara cuidadosamente a miserável exploração dos trabalhadores rurais, lançando mão de todos os processos (até do mais vil crime) para conter a sua justa luta.

2 — Que as massas trabalhadoras do campo aumentam a sua combatividade e dão mostras de disposição crescente para formas superiores de luta.

Isto coloca ao nosso Partido e às massas camponesas a necessidade imediata de estreitar mais a Unidade destas e de organizar mais a defesa dos seus interesses.

Para isso há que fazer todos os esforços para vencer as deficiências apontadas. Se bem que a luta das ceifas seja muito importante, isso não nos deve fazer esquecer que a luta dos camponeses não se limita a um mês por ano, mas é necessário travar-se durante os 12 meses do ano.

Na luta por melhores jornas nos diferentes trabalhos do campo e na luta contra o desemprego, por trabalho ou pão, bem como na luta pela Paz, pela Independência Nacional e pelas Liberdades Democráticas encontramos os objectivos para a mais ampla unidade e luta das massas camponesas, para a constituição nas localidades, herdades, Praças, ranchos, etc, de Comissões de Unidade Permanentes que encabeçam essas lutas.

O período de maior miséria que se aproxima com o desemprego massivo no inverno deve levar os camponeses que não quiserem deixar-se morrer de fome a novas lutas por pão ou trabalho. Cabe aos militantes do Partido orientar estas lutas, canalizando a disposição de luta das massas para novas jornadas de luta, levando-as a concentrarem-se nas Casas do Povo e junto das autoridades e dos agrários, exigindo Pão ou Trabalho!

A LUTA CONTRA A POLÍTICA DE GUERRA E DE OPRESSÃO COLONIAL DO FASCISMO EM GOA, DAMÃO E DIU É UMA TAREFA CENTRAL DO PARTIDO



por MATOS

Fiel aos princípios do marxismo-leninismo, o Partido definiu, em relação ao problema indiano, uma orientação que corresponde inteiramente aos interesses da classe operária e das camadas populares do nosso país e aos interesses dos povos de Goa, Damão e Diu.

Mais uma vez o P.C.P. foi ao encontro das aspirações mais sentidas dos trabalhadores e demonstrou ser o melhor defensor dos interesses nacionais, o melhor intérprete dos desejos de Paz que animam o nosso povo.

O nosso Partido reforçou, nacional e internacionalmente, o seu prestígio, mercê da justeza da sua orientação sobre o problema de Goa, ajudou o povo português a compreender a gravidade da situação criada pela política de guerra e de opressão colonial do governo de Salazar, ajudou a fortalecer os laços de solidariedade do povo português com o povo indiano, ajudou a fortalecer a aliança das massas trabalhadoras portuguesas com os povos coloniais contra o imperialismo e os seus serventuários fascistas.

A acção do nosso povo, do Partido Comunista Português e das outras forças democráticas forçaram o fascismo a um recuo na propaganda para a criação de um ambiente de guerra. Foi sem dúvida uma vitória. Mas, por outro lado, verificou-se um recrudescimento na acção de ataque e agressão aos povos da Índia. Isto, que representa um agravamento dos perigos de guerra, mostra que as forças democráticas e com elas o nosso Partido ainda não fizeram recuar a política fascista de guerra e de opressão colonial, forçando o governo a negociações sinceras.

Deficiências na aplicação da linha do Partido

Possuindo uma linha justa, nem todas as organizações e militantes do Partido a souberam levar à prática como convinha e como o permitiam as condições nacionais. Sobrestimou-se, como afirmou o camarada Alberto na reunião do C.C., a força do inimigo e subestimou-se a combatividade e o espírito de iniciativa das massas, que ultrapassaram, em vários casos, o espírito de

rotina dos militantes do Partido. Por outro lado, houve nítida falta de percepção política de alguns militantes do Partido sobre este importante acontecimento da vida nacional, do que resultou esses camaradas verem esse acto no mesmo pé dos outros actos do governo fascista. Sublinhamos ainda que o nosso Partido não concentrou a sua atenção fundamentalmente nos centros principais onde se encontram as massas laboriosas.

De tudo isto resultou a incapacidade para aproveitar a disposição de luta das massas, para transformar essa disposição em largos movimentos de protesto, para aprofundar a compreensão política das massas ante a gravidade da situação que a política fascista gerou. O Partido operou com lentidão, não soube encontrar rapidamente formas práticas de organização e mobilização que materializassem as palavras de ordem do Partido e pusessem em movimento operários e camponeses, as mulheres trabalhadoras e os jovens, os intelectuais, os militares, tocados pela política de guerra e forçados a embarcar, bem assim como outras camadas da população.

Os democratas e patriotas que testemunharam o seu descontentamento contra o ambiente de histeria belicista e os preparativos militares não foram mobilizados para a acção na base da Plataforma de Unidade, na base da luta pela Negociação e pela Paz e contra a política de guerra do fascismo.

Os militantes do Partido que actuam no MND e no Movimento Nacional da Paz, não ajudaram a levar à prática a posição justa definida por aqueles movimentos, que marcharam a reboque dos acontecimentos e não mobilizaram os democratas e patriotas e os amplos sectores nacionais que não seguiram nem os colaboracionistas nem o fascismo e podem ser chamados à acção. Aqueles militantes não souberam igualmente vencer as incompreensões que surgiram no seio do Movimento da Paz e que consistiram fundamentalmente em defender a não participação do Movimento na luta do nosso povo contra a política do fascismo na Índia.

Faltou e continua a faltar audácia e espírito de



iniciativa aos militantes do Partido para a realização de pequenas e grandes tarefas: edição de manifestos, tarjetas, volantes, a elaboração de abaixo-assinados, pedindo a Negociação, a criação de Comissões de Paz, Pró-Negociação, Pró-regresso dos soldados, etc., nas empresas, quartéis, bairros, aldeias, para lutarem contra a «campanha de solidariedade» aos «voluntários», contra a partida dos soldados, contra a propaganda belicista do fascismo, contra a política de guerra, para fortalecerem a Unidade e a combatividade das massas, para alargarem a luta pela Paz, pela Democracia e pela Independência Nacional. A partida dos soldados, que tão vivamente descontentou o povo de várias localidades, não foi devidamente aproveitada, se exceptuarmos Pias, para largas acções de massas. Não se canalizou para a acção, nestes casos, o sentimento de Paz do nosso povo, por falta de audácia e maleabilidade políticas.

A Direcção do Partido, por seu lado, não armou devidamente as organizações para a realização destas tarefas, discutindo com elas as formas práticas de aplicar a justa orientação do Partido, impulsionando e controlando a aplicação dessas formas, abrindo novas perspectivas, acentuando as novas responsabilidades que o problema da Índia está criando ao nosso Partido.

As deficiências neste campo foram de tal monta que, em virtude dessa falta de discussão e de auxílio político, houve camaradas que se subscreveram para a «Campanha de Solidariedade».

Muitos militantes do Partido localizaram a luta contra a política de guerra do fascismo no trabalho de agitação, deixando aos manifestos do Partido o resultado de uma actividade de organização que só eles podiam empreender. Esqueceram que uma tal agitação é insuficiente e muitas vezes de resultados quase nulos, se não é precedida e acompanhada da acção esclarecedora e organizativa dos militantes junto das massas, se os militantes não estão ligados às massas, e não sabem aplicar na prática a linha do Partido.

Houve inúmeros casos de camaradas que realizaram, nos seus locais de trabalho, louváveis esforços para esclarecer, um a um, os seus companheiros de trabalho sobre a justa linha do Partido. Não soberam, porém, levar por diante esses esforços, mobilizando para acções colectivas essas pessoas, porque substituíram as próprias massas.

Os militantes do Partido não soberam, em muitos casos, dar à luta contra a política de guerra do fascismo em relação a Goa, Damão e Dio, um carácter legal e amplo. Em alguns casos, como sucedeu na apreciação, por determinada organização do Partido, de uma reunião de 40 partidários da Paz, aceitou-se como justa e orientação de um elemento do Movimento da Paz que defendia a ideia de se não discutir, nessa reunião, o problema da Índia.

Exactamente porque se substituiu a acção de massas, porque se encerrou a actividade do Partido em formas sectárias e rotineiras, porque se não teve a noção exacta das possibilidades de luta, das responsabilidades do Partido e das tarefas em curso, não se inovou a acção do Partido, não se realizaram, com a largueza requerida, pequenas e grandes reuniões nas fábricas, nas herdades, nos clubes, sociedades recreativas, etc., para se discutir a situação nacional criada pelo caso da Índia e para se mobilizarem as massas para acções concretas contra a política de guerra.

Vençamos as nossas deficiências

A luta contra a política de guerra do fascismo, por Negociação sincera com o governo indiano, pela auto-determinação dos povos de Goa, Damão e Dio, pelo regresso dos soldados, abre novas perspectivas à acção do nosso Partido e cria condições para o alargamento da Unidade e para o fortalecimento do M.N.D. e do Movimento da Paz. Isto coloca-nos em face de novas e pesadas responsabilidades, de novas e importantes tarefas. Precisamos

de vencer as deficiências registadas e aplicar na prática a justa linha do Partido.

Importa, para o cumprimento destas tarefas, que todos os militantes se empenhem, cada vez mais, na ligação com as massas, para as esclarecer, mobilizar e organizar, em todos os locais de trabalho, nas fábricas e herdades, nas escolas, armazéns e escritórios, levando-as a acções concretas contra a política salazarista na Índia. Ao mesmo tempo que devem levar os trabalhadores a constituir as suas comissões de Unidade e a concentrarem-se diante da gerência, no Sindicato, para protestarem contra o roubo nos salários para a «campanha de solidariedade» aos «voluntários» de Goa, os militantes do Partido devem saber esclarecer, de um modo legal e aberto, as consequências da política de guerra e de opressão colonial do fascismo na Índia, a sua subordinação ao imperialismo americano e lutar por Negociações sinceras, pela auto-determinação dos povos de Goa, Damão e Dio.

Nas fábricas, nas aldeias, nas vilas, nos bairros populares, é possível, aproveitando algumas experiências valiosas fornecidas ao nosso Partido pelo povo, organizar largas concentrações das massas e, por outro lado, criando comissões de pessoas de família dos militares e de outras pessoas honradas que, através de abaixo assinados e de concentrações massivas, exijam o regresso dos soldados e negociações sinceras com o governo da União Indiana.

A luta contra a política fascista na Índia é a luta pela melhoria das organizações militares do Partido para a mobilização dos soldados contra a política de guerra, é a luta pela mobilização da juventude e das mulheres para que, através de formas legais e amplas de luta, como plebiscito, moções, recolha de assinaturas, sessões públicas, passeios, festas, reforcem as acções pela solução pacífica do problema indiano.

É dever dos militantes reforçar os laços de solidariedade e de apoio activo das massas trabalhadoras e de largos sectores nacionais à luta libertadora dos patriotas goeses e dos povos de Goa, Damão, e Dio. Esses laços reforçam-se, intensificando a luta, sob várias formas, pelo regresso dos soldados, pela recolha de milhares de assinaturas para o Apelo Nacional para a solução pacífica dos casos de Goa, Damão e Dio, pela realização de plebiscitos e consultas populares como já foi feito nalgumas empresas sobre o caso da Índia, contra a partida de tropas expedicionárias para Goa, Damão e Dio, dando desta maneira provas de audácia e maleabilidade políticas e não deixando nunca de ter em conta o sentimento de Paz do nosso Povo.

Para a aplicação da linha justa do Partido, em relação ao caso de Goa, é preciso reforçar a Unidade de Acção dos democratas e patriotas portugueses.

Reforça-se a Unidade de Acção dos democratas e patriotas na base da *Plataforma de Unidade do Partido*, na luta pela libertação dos membros da Comissão Central do MND e de todos os outros patriotas presos.

A criação de um *movimento de massas* para o regresso dos soldados, para a realização de Negociações sinceras, para a criação de condições necessárias que permitam aos povos de Goa, Damão e Dio expressar livremente a sua vontade, reforçará a Unidade de Acção dos democratas e patriotas e das amplas camadas da população que devem ser chamadas à luta.

Um tal movimento de massas dará um novo impulso à luta por Negociações sinceras, pela auto-determinação dos povos das colónias portuguesas na Índia, pelo regresso dos soldados, e obrigará o fascismo a recuar. Orientando deste modo a actividade do Partido, nós, comunistas, ao mesmo tempo que, na acção, somos consequentes com a política de auto-determinação dos povos, prestamos, conjuntamente com as outras forças democráticas e com firme participação do povo, um inestimável serviço ao nosso País, impedindo a guerra e a política de aventuras e de opressão colonial do fascismo.

A DISCIPLINA

«A disciplina férrea não exclue, antes pressupõe, a crítica e a luta de opiniões dentro do Partido. Isto também não significa, com muito maior razão, que a disciplina deva ser cega. Pelo contrário, a disciplina férrea não exclue, mas pressupõe, a subordinação consciente e voluntária, pois só uma disciplina consciente pode ser verdadeiramente férrea» (Staline, «Fundamentos do Leninismo»).

MELHOREMOS A ACTIVIDADE DO PARTIDO ENTRE A CLASSE OPERÁRIA



por ALBERTO

Para bem se compreender toda a importância de que se reveste a actividade do Partido entre a classe operária e se poderem eliminar as deficiências existentes a tal respeito é preciso, antes de mais, partir do princípio — lentes vazias salientado — de que ela é a classe mais revolucionária e a mais conseqüente na luta pelo derrubamento do fascismo e pela constituição de um verdadeiro regime democrático.

Como nos ensina o Marxismo-leninismo, como nos demonstra a experiência do dia a dia, a classe operária é em todos os países a força dirigente da luta pela Paz, da construção socialista, a grande obreira da futura sociedade comunista. Mas a classe operária só cumpre a sua histórica missão, quando tem à sua frente o seu Partido a dirigi-la, actuando fundamentalmente de modo organizado, nas oficinas, nas fábricas, nas empresas, isto é, em todos os lugares de trabalho, ali onde se encontra a classe operária, ali onde se encontra a grande massa do proletariado. No nosso caso, apesar de tudo quanto a este respeito foi discutido e assente, apesar dos êxitos até hoje alcançados, muitas deficiências, muitas debilidades e incompreensões se têm observado e subsistem neste domínio da actividade fundamental do nosso Partido, os quais é preciso considerar e eliminar por completo.

Vejamos por agora algumas mais salientes:

Em primeiro lugar, continuamos a verificar a existência de muitas empresas com centenas e algumas até com milhares de operários — homens, mulheres e jovens — onde, numas não existe organização nem influência do Partido; noutras a organização é muito débil e a influência do Partido muito diminuta; e noutras ainda os organismos não reúnem regularmente, não têm a necessária vida política.

Em segundo lugar, continuamos a verificar que há camaradas que se opuseram à vontade de luta dos operários numa empresa, numa célula do Partido e dum organismo regional, afirmando que os operários não deviam ir para a luta «porque isso poderia provocar despedimentos». Outro que afirmou que a classe operária de certa zona industrial não tinha «vergonha de ir» para lutar. Outro que pediu ao funcionário para o Partido se não meter numa luta reivindicativa local porque senão iria escangalhar tudo». Outro a dizer «que não há condições para levar os trabalhadores à luta», precisamente quando esses mesmos trabalhadores demonstravam o contrário, lançando-se numa luta reivindicativa.

Em terceiro lugar, deram-se despedimentos de operários, julgamentos e condenações de outros, por terem lutado pela defesa dos seus interesses, sem que os nossos camaradas tenham realizado qualquer actividade em defesa e apoio dos referidos operários. Tais camaradas afirmaram que não se podia fazer nada, que não havia perspectivas de luta.

Em quarto lugar, há camaradas que desenvolvem algum trabalho do Partido na rua, no bairro, no local onde vivem, etc., mas, contudo, lá na fábrica, nas oficinas, na empresa onde trabalham, lá onde se encontram as massas, onde existem os principais problemas para resolver; lá onde se impõe organizar a luta contra o patronato e onde existem mais condições de êxito, pouco ou nada fazem de acordo com a linha do Partido e a defesa dos interesses da sua classe. Há ainda outros camaradas que, frente aos problemas da classe operária e dos trabalhadores em geral, se portam como qualquer outro trabalhador, como se não fossem membros do Partido, como se não tivessem a obrigação e responsabilidade de realizar uma acção de vanguarda. A sua actividade, no melhor dos casos, limita-se a receber a coligação e a entrega de imprensa.

Em quinto lugar, verificou-se que a Organização Regional de Lisboa não fez o que se impunha fazer

quando das emanações de gases tóxicos das Refinarias da SACOR que afectaram a saúde e a vida de milhares de operários da parte oriental e de outros milhares de habitantes de outras zonas da cidade de Lisboa.

De tudo isto resulta que milhares de operários e de trabalhadores em geral continuam sujeitos à mais desenfreada exploração e opressão, sem poderem receber a orientação e a ajuda do nosso Partido. De tudo isto resulta que a lita geral do nosso Povo fica privada da preciosa contribuição de boa parte da classe operária. De tudo isto resulta que a organização e a influência do Partido não se alargou no seio das massas trabalhadoras de harmonia com as condições existentes, de harmonia com as suas responsabilidades e os interesses do povo. Tudo isto influiu para que o nosso Partido não tenha conseguido transformar todo o prestígio de que goza à escala nacional num meio dinamizador de novas acções de massas pela satisfação das suas reivindicações económicas, políticas e sociais, pelo derrubamento do fascismo.

Onde estão as causas de tudo isto?

As causas destas e outras deficiências residem:

Na falta de vida política de certas células e de outras organizações do Partido. Na falta, por vezes, de confiança no papel dirigente da classe operária em todos os domínios da luta nacional. Na falta de estudo e assimilação da linha do nosso Partido e respeito de como se devem organizar e conduzir a classe operária e as massas trabalhadoras na luta, nas actuais condições fascistas, para já e em relação ao futuro. Na falta de estudo das condições de trabalho e de vida da classe operária. Na falta de formas de organização mais adequadas para a luta pela solução dos problemas que ela tem por resolver.

Fortaleçamos a ligação com a classe operária

Ligarmo-nos à classe operária para a podermos dirigir e levar à luta, exige estar junto dela, auscultá-la na oficina, na fábrica, na empresa, em qualquer lugar de trabalho. Exige estar junto dela no Sindicato, nas organizações desportivas, culturais e recreativas. Exige estarmos com ela na rua, no bairro, no local de residência, colocados em posição de vanguarda.

Ligarmo-nos à classe operária criando condições para a organizar e conduzir bem, exige dos membros do Partido discutir com ela os seus problemas, ouvir as suas opiniões e sugestões, aproveitar de classe operária e das massas aquilo que elas nos ensinam. O comunista não pode só pensar em ensinar as massas, das massas tem que aprender muito e aprender. Para mais nos ligarmos às massas, para alargar e consolidar a organização e o prestígio do Partido junto de classe operária é preciso voltarmos mais as vistas para indústrias, tais como as da cortiça, das conservas, têxtil, transportes, construção civil, metalúrgica, mineira, etc., etc., onde se encontra concentrada a esmagadora maioria do proletariado. Para ligarmos mais o nosso Partido às massas é necessário termos bem presente que o número de proletários industriais subiu no continente, em 1950, a cerca de 750.000 homens e mulheres, contando apenas os indivíduos profissionalmente activos.

É este proletariado que conta na sua vida exemplos gloriosos de luta, como as greves de 1942 na região da Serra da Estrela, as greves de Julho-Agosto de 1943 na região de Lisboa, Margem Sul do Tejo, S. João da Madeira; as greves de 8 e 9 de Maio em Lisboa

é arredores; a greve do operariado de Lisboa em Abril de 1947; as greves e outras acções levadas a cabo pela classe operária noutras ocasiões e noutros pontos do País, antes e depois da vigência do regime fascista de Salazar.

Nós podemos dizer abertamente: no nosso País há uma classe operária desenvolvida politicamente. Ela possui vontade e uma preciosa tradição de luta. Ela debate-se com muitas dificuldades impostas pela exploração e dominação fascistas. Ela segue a linha do nosso Partido e confia nela. Os comunistas é que nem sempre a têm sabido organizar e conduzir. Nem

sempre têm conseguido ir até junto dela, auscultá-la, ligar-se bem a ela, indo ao encontro das suas disposições de luta e possibilidades criadoras. Melhorar a actividade do Partido neste sentido, eis uma das mais importantes tarefas que temos por diante. Mas, para isso, é preciso que a principal atenção dos membros e simpatizantes do Partido se volte fundamentalmente para as empresas. Para isso é preciso que ali sejam criadas e mantidas as Comissões de Unidade, Comissões Sindicais, comissões de trabalhadores compostas por homens, mulheres e jovens capazes de defenderem os interesses da sua classe.

MAIS DEMOCRACIA INTERNA! MAIS CRÍTICA! MAIS INICIATIVA E NOÇÃO DAS RESPONSABILIDADES!



por RAMIRO

Mentiríamos se dissessemos que em todos os organismos do nosso Partido há democracia interna, espírito de iniciativa dos seus elementos e noção das suas responsabilidades, se dissessemos que nesses organismos partidários não há muitos camaradas reduzidos à condição de simples manequins, de simples autómatos. Por isso, em todo o Partido se tem de travar uma batalha séria contra o estreiteza e o sectarismo, contra o mecanicismo burocrático e ausência de discussão colectiva, contra a falta de espírito crítico e ausência da auto-crítica, contra a irresponsabilidade que reina em certos comités e células. Só assim o Partido forjará novos quadros, ganhará melhor vigor combativo; elevará cada vez mais o seu nível ideológico, fortalecerá mais e mais a sua unidade interna e se ligará com mais audácia às

imediatas. Vamos citar dois exemplos recentes que comprovam essa falta de democracia interna e orelhas moucas à crítica vinda de baixo para cima.

Porque dois camaradas de uma célula de empresa, formularem críticas erradas na forma, mas justas no conteúdo, aos seus controladores, esses controladores não duvidaram em apresentar a esses camaradas e à sua célula, assim como ao organismo a que os controladores pertenciam, essas críticas como «um acto de provocação», como «críticas provocatórias», procurando assim fechar as bocas a esses camaradas e fazer orelhas moucas dentro do Partido à justiça das suas críticas. Esses controladores agarraram-se à forma errada das críticas para negarem o que de justo havia no seu conteúdo.

Numa célula camponesa as críticas duras formuladas pelo seu controlador quanto à ausência de fundos eram de tal ordem, que um camarada responsável dessa célula, para não ouvir mais críticas, entregou ao Partido como recibo uma quantia destinada e liquidada determinada despesa do seu organismo, ocultando o facto ao controlador e ao organismo e criando depois e si próprio uma situação falsa. Tudo isto para poder entregar fundos em todos os seus encontros com o controlador... Não procurando ouvir os camaradas dessa célula e não procurando aprofundar as suas dificuldades e auxiliá-las, este controlador arrastou, sem dize se aperceber, um camarada para o caminho da deslealdade para com o seu Partido.

Poderíamos citar muitos outros casos reveladores da ausência de democracia, de trabalho colectivo e de espírito crítico, sobretudo quando a crítica vem de baixo para cima. Há alguns camaradas que se limitam, nas reuniões dos organismos por eles controlados, a falarem só eles, a exporem eles as directrizes do Partido, mas que não se esforçam por procurar ouvir os camaradas controlados quanto aos seus problemas e às suas dificuldades, nem quanto à sua opinião sobre as directrizes do Partido. Outros controladores não se esforçam por criar condições para poderem realizar reuniões com tempo e ordem, fogem desta forma à discussão colectiva e limitam-se, na maioria das vezes, a discutir individualmente e de fugida os problemas do Partido em encontros de rua. Procedendo desta forma, estes controladores travam todo o debate de ideias dentro do Partido, viciam-se no trabalho burocrático e travam o seu desenvolvimento político e ideológico, reduzem os camaradas por eles controlados desta forma à condição de simples autómatos ou manequins, impõem distorcidamente as suas próprias ideias e fecham o caminho ao espírito crítico, à iniciativa dos militantes do Partido, mantendo, desta forma, toda a vida política dentro dos organismos do Partido por eles controlados. Isto explica a razão por que certos controladores conhecem tão mal os quadros que controlam e não vivem as lutas das massas trabalhadoras ou, o que é bem pior, até as ignoram!

O nosso Partido não vive desligado do mundo que o cerca. «Não se pode encerrar o Partido como qualquer coisa desligada dos homens que o cercam. É neste ambiente que o Partido vive e age» (Stáline). Por isso, dentro do nosso Partido surgem por vezes métodos de actuação errados, próprios dos partidos burgueses, mas estranhos ao Partido da classe operária, a um Partido de tipo leninista. Para defender a pureza do Partido, os princípios do marxismo-leninismo, nós precisamos de arrancar de nós mesmos e dos nossos camaradas tudo aquilo que possa ainda representar uma sobrevivência ou influência estranhas ao Partido do proletariado. Essas influências do ambiente exterior, juntas à ilegalidade feroz em que o Partido vive (que não permite, a maioria das vezes, reuniões amplas e demoradas, nem a aplicação integral de todos os princípios do centralismo democrático em todos os organismos do Partido), aliadas a certa debilidade ideológica, têm viciado certos camaradas, fazem com que em certos organismos do Partido não exista espírito democrático, que os seus controladores apareçam nesses organismos como pequenos chefes, que não ouçam capazmente os seus elementos, e faz com que os camaradas controlados desta forma se conduzam no Partido como simples manequins ou autómatos, que não expressem livremente as suas ideias e as suas críticas, nem elevem o seu espírito de iniciativa. Com razão se salientava na V.^a Reunião Ampliada do Comité Central «que há tipos de discussão que não abrem as bocas, que, quando se procura convencer os camaradas, se impõem as ideias. Que com frequência e rapidez se diz aos camaradas que eles revelam falta de confiança no Partido, e que isso fecha as bocas». A V.^a Reunião Ampliada verificou que isto não ajuda os camaradas controlados a expressarem livremente as próprias ideias, que isto os faz retrair, que isto trava o debate de ideias dentro do Partido. A verdade é que esta situação se continua a verificar em certos organismos do nosso Partido e que ela representa um perigo grave a que é necessário darmos combate

Só abrindo as bocas dentro do Partido nós desenvolveremos o espírito de iniciativa dos operários e camponeses, a que Marx e Lênine tantas vezes prestaram homenagem. Não procedendo assim, nós não podemos conhecer o rico material humano de que o nosso Partido dispõe nas suas fileiras, não abrimos perspectivas às suas iniciativas, não profundamos e não conhecemos os problemas vivos das massas trabalhadoras, não tiramos as ricas lições que devemos tirar com os seus êxitos e insucessos, travemos, sem disso nos apercebermos, as iniciativas dos nossos camaradas e das massas, fomentamos o rotineirismo e automatismo burocráticos, criamos a passividade e o desinteresse pelas tarefas e linha do Partido, apagamos nos nossos camaradas e chama viva da combatividade revolucionária.

A falta de atenção, de respeito e de serenidade revelada por certos controlseiros, que não acompanham as ideias expostas pelos camaradas por elas controlados privam o Partido do conhecimento completo dessas ideias, que, se são justas, podem ajudar a melhorar o trabalho do Partido e valorizar os quadros que as defendem, se são injustas, não podem ser devidamente combatidas nem ajudados os camaradas.

Não desenvolvendo a discussão nos organismos do Partido, não procurando por todas as formas criar condições de local e tempo para o debate de ideias, nós caímos, sem disso nos apercebermos, na substituição dos quadros, perdemos a confiança nos quadros que controlamos, sobrestimamos as nossas próprias possibilidades e chamamos a nós a direcção e realização de tarefas e iniciativas que poderiam ser cumpridas e alargadas, ou profundadas e enriquecidas por outros camaradas, com grande benefício para esses quadros e para o trabalho geral do Partido. Esta é uma das principais razões do centralismo excessivo que se verifica mais ou menos em todos os organismos e quadros do Partido. Não é por acaso que com tanta frequência nos últimos tempos surgem em alguns organismos do nosso Partido ideias derrotistas quanto ao valor dos quadros e à combatividade das massas. Essa substituição dos quadros e das massas é filho sobretudo da falta de conhecimento directo e vivo dos problemas e lutas de massas e do valor dos quadros que essas lutas revelam. Como nos ensinam os nossos mestres, os militantes que caem no burocratismo, no rotineirismo passivo, cobrem-se de ferrugem, perdem-se com o passar do tempo para a luta. É, pois, o desconhecimento dos quadros, na fal-

ta de confiança nas suas reais possibilidades revolucionárias, e na falta de confiança no Partido, tomado como um todo, que assenta em grande parte a resistência de certos camaradas à democracia interna e o mecanicismo na vida de certos organismos do Partido.

Na medida em que fomentamos e auxiliamos o emprego cada vez mais largo da crítica (de cima para baixo e de baixo para cima) em todos os comités e células do Partido, na medida em que a auto-crítica (não a flagelação que faz perder a confiança dos quadros em si) passar a ser espontânea e não arrancada e ferros (como por vezes ainda é) teremos dado um grande e decisivo passo na construção do nosso Partido como Partido de novo tipo, como um Partido leninista. Será o emprego livre da crítica e da auto-crítica um dos alicerces mais poderosos da unidade interna do Partido, como foi mais uma vez constatado na última Reunião de Direcção, pois que, abrindo-se as bocas não poderão existir problemas reacitados, não se poderá criar o terreno favorável para o trabalho fraccional como recentemente se criou num organismo do Partido. O emprego da crítica e da auto-crítica é a principal força motora do aperfeiçoamento contínuo do trabalho do Partido.

O nosso Partido tem dado grandes e decisivos passos para o seu fortalecimento ideológico e para o seu robustecimento orgânico, porém, outros passos igualmente importantes ainda falta dar. Para isso, precisamos que cada comunista ponha a funcionar o seu cérebro ao serviço do Partido. Cada comunista tem de fazer esforços para assimilar e fazer assimilar àqueles que o cercam os princípios e os métodos de acção do leninismo-stalinismo, dando a cada camarada a noção das suas responsabilidades perante o Partido e o povo. Precisamos, para isso, de travar em todo o Partido uma luta sem quartel contra o sectarismo e o burocratismo que isolam o Partido das massas, bem assim como contra o oportunismo que abandona as posições comunistas. Precisamos ligar cada vez mais o Partido às massas, precisamos de reconquistar posições perdidas e ganhar outras novas, precisamos de velar pela fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo dentro do Partido como velamos pela menina dos nossos olhos, precisamos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para apetrechar cada vez mais o nosso grande e invencível Partido na sua luta heróica pela felicidade do povo português, pela salvação da Paz, pela defesa da Independência Nacional e para a conquista das Liberdades Democráticas.

O CENTRALISMO DEMOCRÁTICO

(Parte do Informe do camarada MELO a uma Reunião de Direcção)

O cumprimento dos princípios do centralismo democrático exige a livre discussão dentro do Partido, entendendo-se que, no fim de cada discussão, as decisões tomadas são válidas para todos os camaradas, para os mais e para os menos responsáveis e por todos devem ser levadas à prática. As resoluções do Congresso e do Comité Central devem ser aplicadas obrigatoriamente por todos os membros e organizações do Partido, a minoria submete-se à maioria, os organismos inferiores submetem-se aos organismos superiores, tal é a essência dos princípios do centralismo democrático definidos no informe de organização do Comité Central ao 2.º Congresso Ilegal do Partido e aí aprovados.

Mas o centralismo democrático não exclui nem se opõe ao debate de ideias e à democracia interna do Partido. Nós devemos desenvolver por todos os meios as regras da democracia interna no Partido, sempre que não colidam com o trabalho conspirativo. Cada militante tem o direito e o dever de exprimir livremente e amplamente as suas opiniões, as suas discordâncias e críticas nas discussões que se desenvolvam dentro das células e organismos do Par-

tido. A experiência da luta mostra-nos que não é a luta de opiniões dentro do Partido que pode conduzir ao enfraquecimento da unidade das suas fileiras, antes pelo contrário, a luta de opiniões reforça-a, melhora a nossa actividade e orientação e constitui uma importante arma para corrigir as nossas deficiências e debilidades. «A luta de opiniões — disse Stáline — existe e existirá; sem isso é impossível qualquer movimento para a frente».

No nosso Partido só não existe é a «liberdade» de desagregar, de minar a unidade e a disciplina do Partido, a «liberdade» de caluniar e de discutir os problemas do Partido fora do Partido e às escondidas dele. Essa «liberdade», reivindicada e recitada por todos os provocadores e desagregadores e que constitui característica específica de Gilberto de Oliveira, de Piteira Santos, de João Rodrigues e outros, o nosso Partido não a concede a ninguém. Os provocadores e desagregadores de todas as espécies só podem realizar as suas actividades criminosas e manterem-se no Partido através do desrespeito pelos princípios do centralismo democrático.»